

DA PINTURA

Mário de Andrade

Três elementos de ordem primária e essencial formam a arte da pintura: o espectador, o artista e o quadro. O espectador é o elemento gerador da obra-de-arte. O artista é o elemento criador. O quadro é a criatura. Cada qual desses elementos tem sua função particular; do espectador deriva a compreensibilidade da obra-de-arte, do artista a expressão, do quadro a técnica.

O único elemento que carecerá talvez duma explicação mais analisada nesta síntese um bocado simplista, é o espectador. Antes de mais nada, é preciso não esquecer que o artista é o primeiro espectador da sua obra. Ele a entende, embora às vezes a enxergue, mesmo antes dela ser construída. Como espectador, o artista percebe, se explica e compreende os fenômenos da natureza e da vida. E então exprime a sua compreensão do mundo na obra-de-arte servindo-se da técnica que a obra exige, e nos dando um objeto novo, o quadro, que por nossa vez temos de compreender na sua múltipla manifestação filosófica, sentimental e técnica.

A natureza, a vida nada tem que ver IMEDIATAMENTE com a arte da pintura, ou qualquer arte. Ela é anterior e transcendente ao fenômeno da pintura. Se faz parte do quadro, não faz parte da pintura. E se faz parte do quadro é obviamente porque o artista, o quadro e o espectador, isto é, expressão, técnica e compreensão, participam da natureza, são fenômenos vitais. Mas na pintura a natureza não existe. Não existe a sua objetividade. Suas necessidades, suas precariedades, seus benefícios não existem. Existem sim, e apenas, uma compreensão particular dela, que tanto pode ser de ordem social como de ordem individual. O perfil grego, os santos embelezados da Renascença, a sátira de Daumier ou de Jorge Grosz, são exemplos de compreensão social do mundo. A iluminação de Rembrandt, as formas do Greco, o realismo de Mantegna, são exemplos da compreensão individual.

Se é certo que o gênio e a obra-prima tendem a equilibrar em si os três elementos essenciais da pintura: o que a história nos apresenta é a luta em que se malferem artista, quadro e espectador. Cada qual busca vencer e dominar os seus pretensos inimigos; e dessa guerra, em que ora um ora outro vence, deriva a perpétua transformação da arte de pintar e sua variedade perpétua. Quando o artista, isto é, o elemento expressivo prepondera, temos os expressionistas de todas as épocas e o individualismo: Fra Angélico, Schongauer, Greco, Ocussai, Matisse. Se o quadro é pretensão dominante, aparecem os construtivistas Paolo Ucello, Ingres, Cézanne. Se o espectador rege a pintura, são os realistas e os socialistas: os Callot, os Van Eyck, os Velásquez, os Almeida Júnior, bem mais numerosos.

* * *

O Impressionismo, que dominou o fim do século passado, concedeu um predomínio de verdadeira tirania ao espectador. Este nos apresentara então um realismo que chegou mesmo à mania de ser mais realista que o rei, indo buscar a realidade não mais no que percebíamos com os sentidos, mas no que a ciência determinava como realidade primeira, como foi o caso dos pontilhistas. Quando não nos dava esse realismo científico, nos apresentava outro, simplório, em que a compreensão do mundo era quase desinteligente, se resumindo aos fenômenos da sensação, abrir os olhos e ver.

Contra isso reagiram unidamente as tendências que, depois de 1907, formam o que se convencionou chamar de “arte moderna”. Uns, como os “expressionistas” da Alemanha ou os “fauve” de França, permitiram ao artista vencer o espectador da fase que se acabara, nos propondo visões exacerbadamente expressivas ou individualistas da vida. Um quadro famoso, presente nessa exposição, exemplifica bem esse expressionismo individualista: *A Torre Eiffel* de Delaunay.

Em tempos mais recentes, esse individualismo foi levado ao excesso, ou melhor, à sua finalidade lógica, com os super-realistas principalmente de França. A estes desinteresse a expressão da vida nos seus fenômenos exteriores e conscientes. Também a natureza do quadro e suas normas não lhes interessam. Repudiam a própria arte, pretendendo apenas revelar, por meio de plástica, as imagens profundas da subconsciência. As obras de Chirico participavam algum tanto dessa pretensão.

Mas não foram só os individualistas, ansiosos de nos propor a sua compreensão particular do mundo, os que reagiram contra o Impressionismo. Foram também os apaixonados do quadro. De fato, se com os

impressionistas, a técnica da iluminação e do pincel foi levada a uma habilidade extraordinária, os demais problemas técnicos, a realidade da superfície, a interioridade das formas, a natureza do óleo, a composição, etc. foram deixados, e mesmo, com os artistas menores, ignorados por completo. A reação fez com que o quadro dominasse os dois outros elementos da pintura. E surgiram os cubistas, os puristas, os construtivistas de vários apelidos, entre os quais Gleizes se firmou como teorista bom, e Leger como encantador de primeira ordem. Ambos estes pintores admiravelmente representados nas coleções spamistas, sobretudo Leger de que podem apreciar obras magníficas, e, especialmente dessa fase dogmática, a *Natureza Morta*, da coleção Guedes Penteado.

A essa ordem de construtores se aparentam mais ou menos três pintores presentes de fama universal, Picasso, Lasar Segall e André Lhote. O último está muito bem representado entre os spamistas pelo seu quadro mais célebre, o *Futebol*. É uma obra ainda excessivamente dogmática, que permite observar o extremo cuidado pelo agenciamento das formas na superfície e ao mesmo tempo o abandono das pesquisas de iluminação, que o exasperado colorismo decorativo dos impressionistas dera a certos iniciadores do Cubismo. Esse abandono da cor (e não da iluminação) ainda está melhor exemplificado pela admirável *Maçã Descascada* de Picasso. Este grande artista domina a pintura contemporânea com o mesmo reinado quase absoluto com que Stravinski rege a música atual. Se é certo que esse domínio foi em grande parte provocado pelo esnobismo de muitos e pela venialidade da crítica européia posta ao serviço dos negociantes de pintura e música, não se poderá contestar aos dois grandes mestres da arte contemporânea, um valor absolutamente excepcional. E ambos escapam a qualquer classificação restrita. Picasso, ora cubista, ora realista, ora "fauve", ora imitador de Masaccio, ora mesmo super-realista, se externamente parecerá dominado pela preocupação do quadro, na realidade mais íntima é um expressionista genial, atingindo às vezes, mesmo nas obras da fase chamável de cubista, uma intensidade de vibração, uma interioridade vital quase misteriosa de tão violenta. Quanto a Lasar Segall já é bastante conhecido dos paulistas pois mora aqui entre nós e conseguiu algumas das manifestações mais elevadas da arte dele. Na sua fase presente, menos trágica que a fase triangular, menos angustiadamente jovial que a fase propriamente brasileira, ele funde com poucos os três elementos da pintura. Ao mesmo tempo que nos dá uma compreensão personalíssima, tão perfeitamente serena e contemplativa do mundo, nos revela um amor da forma, uma compreensão do material, um cuidado pela composição que atinge às vezes, como na preta carregando a criança branca, a sublime força do Quattrocento toscano.

Se estas são as realidades mais perceptíveis da pintura moderna, não pode-se negar que a maioria dos pintores spamistas não abandonaram os direitos do espectador, e se apresentam muito próximos da natureza. Mas é certo que estão a mil léguas do Impressionismo, e a pesquisa apaixonada dos problemas técnicos do quadro dá para as obras de todos eles um direito indiscutível de contemporaneidade. Quer tenham praticado algum tempo Cubismo ou Expressionismo, quer não, a gente percebe que meditaram em detalhes as teorias dos modernistas inovadores. E daí provém a admirável honestidade e a força nova que apresentam.

Passados os tempos de combate, era mesmo natural que o elemento "espectador" voltasse, se não a dominar a pintura contemporânea, pelo menos a concorrer para ela voltar. É por isso que esta última classe de pintores citados está tão próxima da natureza e busca interpretá-la dentro das exigências da plástica. Mas tanto entre nós como ainda, em outros vários países, o espectador está se preocupando muito em propor a sua compreensão da natureza, descuidado de revelar uma compreensão da vida. O que realmente faz falta em nossa pintura spamista são criadores de ordem social. É uma falha sensível essa ausência de arte social entre nós, a não ser que compreendamos como tal o diletantismo estético, caracterizadamente burguês, em que persistimos. Esperemos que em exposições futuras o ecletismo natural de Spam apareça completado com pintores que se resolvam a tomar posição qualificada, não apenas diante da natureza, mas da vida também.

Abril de 1933.

(In *Revista Acadêmica*, nº 68, Rio de Janeiro, jul. 1947, p. 36-38)